

BOLETIM DE CONJUNTURA

68

preços de venda

carteira de encomendas

2017

estudo dos negócios

2º TRIMESTRE

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

No 2º trimestre de 2017, a indústria portuguesa do calçado apresentou resultados muito animadores, acompanhando a tendência de crescimento da economia nacional e mundial. Respondendo à carteira global de encomendas, a produção aumentou e registou o saldo de respostas extremas mais elevado de sempre. Em consequência, as empresas mostraram-se satisfeitas com o estado dos negócios. Este otimismo foi generalizado e crescente com a dimensão das empresas.

O crescimento da produção exigiu que as empresas reforçassem os seus quadros de pessoal, o que levou a que a escassez de mão-de-obra e de mão-de-obra qualificada fossem dificuldades mencionadas por uma percentagem de inquiridos muito superior à de períodos anteriores. No caso da mão-de-obra qualificada, registou-se mesmo o valor mais elevado de sempre, quase alcançando a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros no topo das preocupações empresariais. A legislação fiscal foi um entrave para um número bastante significativo de empresas.

As perspetivas dos industriais do calçado para o terceiro trimestre são consistentes com as previsões otimistas para a economia portuguesa avançadas pelos principais agentes económicos. Os empresários esperam que tanto a produção como as encomendas e os preços venham a crescer, o que conduzirá a uma melhoria relevante do estado dos negócios.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

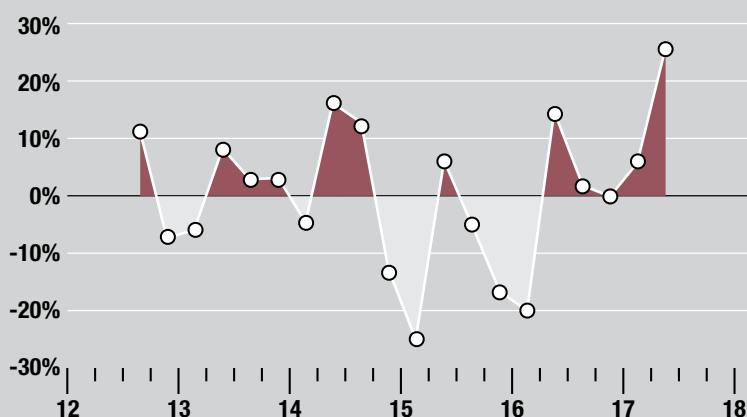
Com o apoio do programa COMPETE

Coordenação Técnica

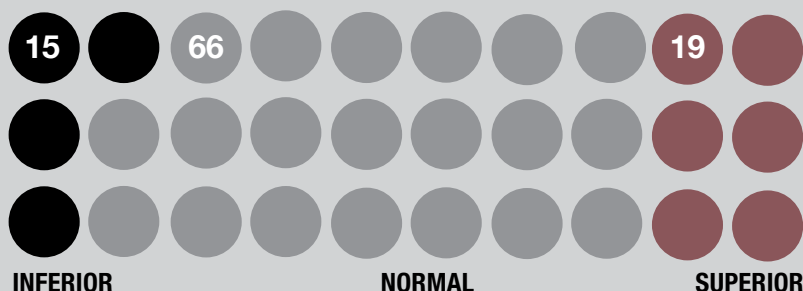
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da
Universidade Católica Portuguesa, Porto

Produção

Os resultados positivos da economia nacional continuam a fazer-se sentir ao nível da produção no setor do calçado. Mais de um terço (39%) das empresas que responderam ao inquérito indicaram um aumento da produção face ao trimestre anterior e apenas 13% responderam que esta diminuiu, o que deu origem ao saldo de resposta extremas mais elevado (26 p.p.) desde que se faz este Boletim de Conjuntura. Mesmo assim, as expectativas do 1º trimestre do ano apontavam para um crescimento ainda maior do s.r.e. As empresas que indicaram ter estabilizado a produção não chegaram a metade (48%) das que responderam ao inquérito.



Utilização da Capacidade



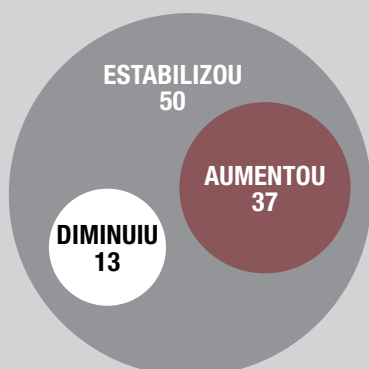
A utilização da capacidade produtiva seguiu a tendência da produção e, pela primeira vez desde 2014, exibiu s.r.e. positivo (4 p.p.). Ainda que quase uma em cada cinco empresas tenha tido utilização da capacidade acima do normal, a grande maioria, dois terços, admitiu estar normal. Ao contrário do trimestre anterior, foram as empresas totalmente viradas para o mercado internacional que indicaram resultados menos positivos (s.r.e. de -7 p.p.).

Carteira de Encomendas

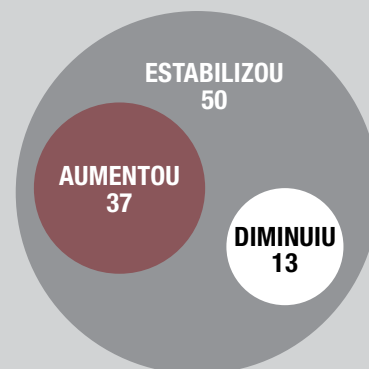
À semelhança da produção, a carteira de encomendas não atingiu as expectativas recorde do trimestre passado mas, mesmo assim, registou o s.r.e. (24 p.p.) mais elevado dos últimos 5 anos. Ainda que metade dos inquiridos tenha indicado que a carteira de encomendas se manteve estável, 37% das empresas admitiram que aumentou e apenas 13% que diminuiu. As empresas orientadas para o mercado nacional foram as menos otimistas, apresentando o único s.r.e. negativo de -2 p.p.

Quanto às encomendas do estrangeiro, o s.r.e. também cresceu em relação ao trimestre anterior, sendo idêntico ao da carteira global de encomendas, 24 p.p. Com mais de um terço (37%) das empresas a responderem que as encomendas internacionais aumentaram, não houve registo de nenhum s.r.e. negativo, quer em termos de dimensão, quer de orientação de mercado das empresas. As mais otimistas foram as empresas fortemente exportadoras, com um s.r.e. de 54 p.p.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



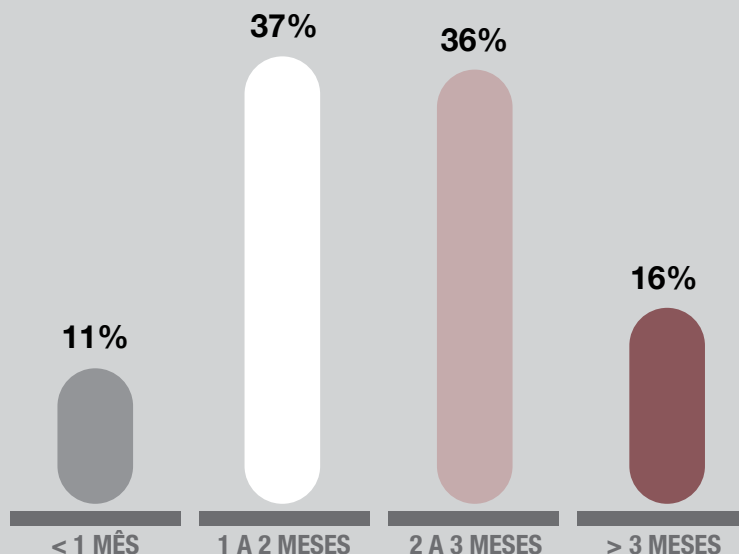
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

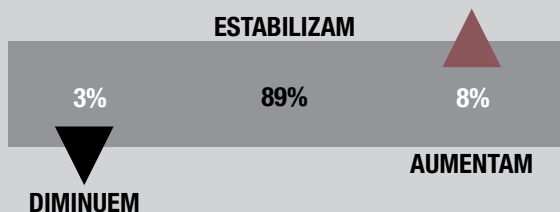
Na sequência da evolução positiva da carteira de encomendas de clientes, o tempo que as empresas indicaram ter de produção assegurada é relativamente longo: mais de metade (52%) das empresas afirma ter produção para dois ou mais meses. São as empresas de maior dimensão (250 trabalhadores ou mais) que mais contribuem para este resultado já que indicaram na totalidade ter produção assegurada para dois meses ou mais.



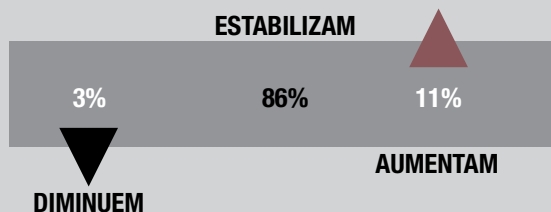
Preços

Ainda que a grande maioria (89%) dos inquiridos seja da opinião que, no segundo trimestre do ano, os preços em Portugal se mantiveram estáveis, o s.r.e. continuou a crescer e, pelo terceiro trimestre consecutivo, registou um valor positivo (5 p.p.). No entanto, e apesar de ter sido equivalente ao registado no trimestre passado, o s.r.e. dos preços no estrangeiro continua a ser mais favorável: 11% das empresas indicaram um aumento e 3% uma diminuição (s.r.e. de 8 p.p.). A orientação para o mercado externo está relacionada com perspetivas mais favoráveis: as empresas com maior abertura ao mercado internacional foram as que registaram os s.r.e. mais elevados, em ambos os casos.

EM PORTUGAL



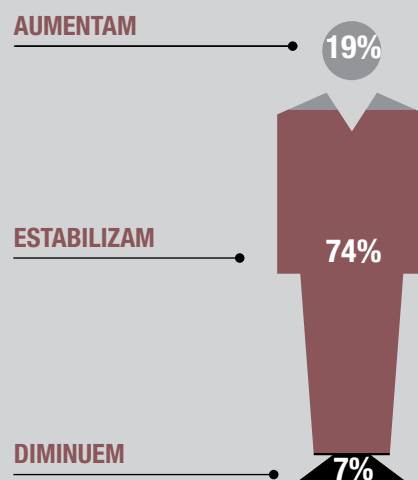
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

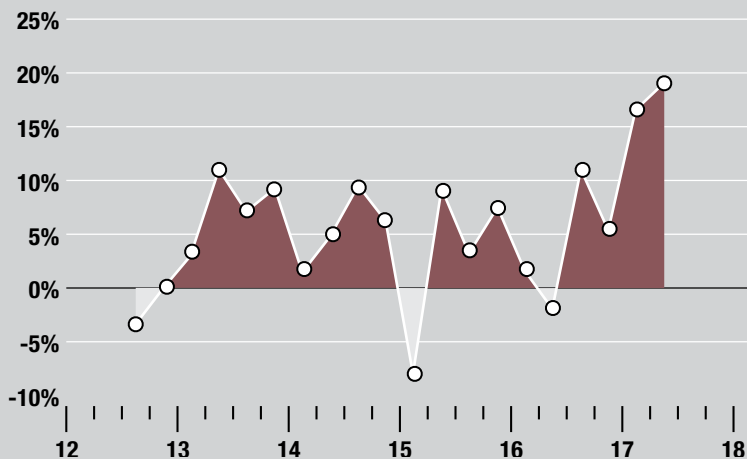
Os efeitos positivos da conjuntura nacional e do setor fazem-se sentir também ao nível do emprego. A percentagem de empresas que admitiu ter contratado (19%) foi claramente superior à que indicou ter diminuído o número de pessoas ao serviço (7%). O saldo de respostas extremas continua em crescendo, tendo ultrapassado a barreira dos 10%. A dimensão da empresa está diretamente relacionada com a decisão de contratar: mais de um quarto (29%) das empresas com 250 ou mais trabalhadores contratou neste período e nenhuma mencionou ter dispensado.



Estado dos negócios

Com mais de um quarto das empresas (28%) a afirmarem que o estado atual de negócios é bom e apenas 9% a responder o oposto, o s.r.e. voltou a crescer e a atingir um novo máximo em seis anos, estando agora próximo dos 20 p.p. Ainda assim, quase dois terços dos inquiridos (63%) continuam a considerar que o estado dos negócios é somente suficiente.

As empresas que consideraram que o estado de negócios do 2º trimestre do ano melhorou em comparação com o mesmo trimestre de 2016 foram em maior número (25%) do que as que consideraram que piorou (15%). Pelo segundo trimestre consecutivo, o s.r.e. (10 p.p.) ficou acima das expectativas formuladas pelos empresários no trimestre anterior. No entanto, a percentagem de empresas que afirmaram que o estado dos negócios permaneceu inalterado (60%) também aumentou.



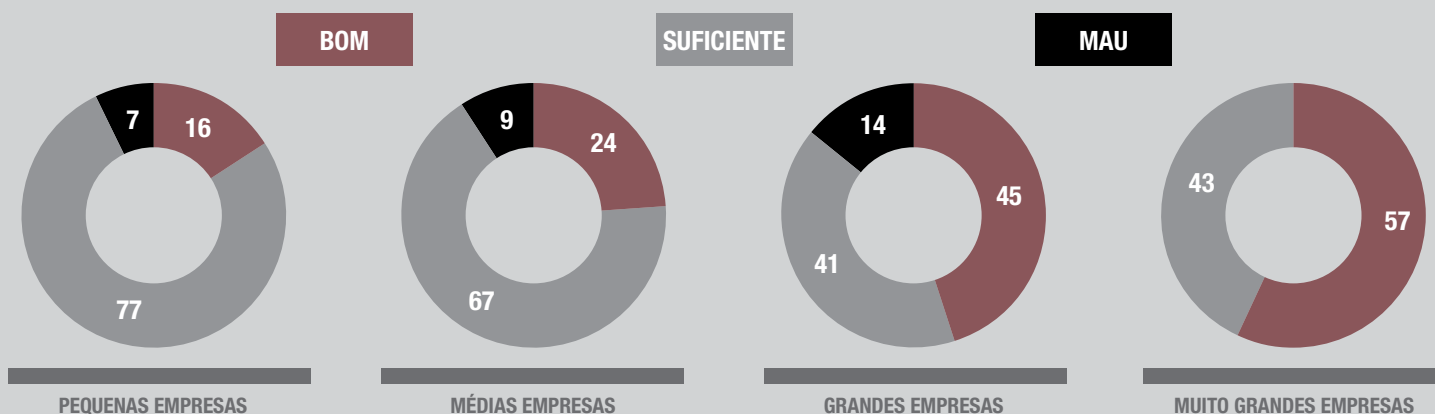
PERÍODO HOMÓLOGO



I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

Tanto a dimensão da empresa como a orientação de mercado estão relacionadas positivamente com apreciação do estado dos negócios. No que toca à dimensão o s.r.e. cresce consoante a dimensão e varia entre os 9%, das pequenas empresas, e os 57% das empresas com 250

trabalhadores ou mais. À semelhança do trimestre anterior, as empresas viradas para o mercado nacional foram as únicas a apresentar um s.r.e. negativo (-5%). As empresas que exportam, pelo menos, 50% do volume de negócios apresentam s.r.e. de 23% e 24 %.



Limitações à produção

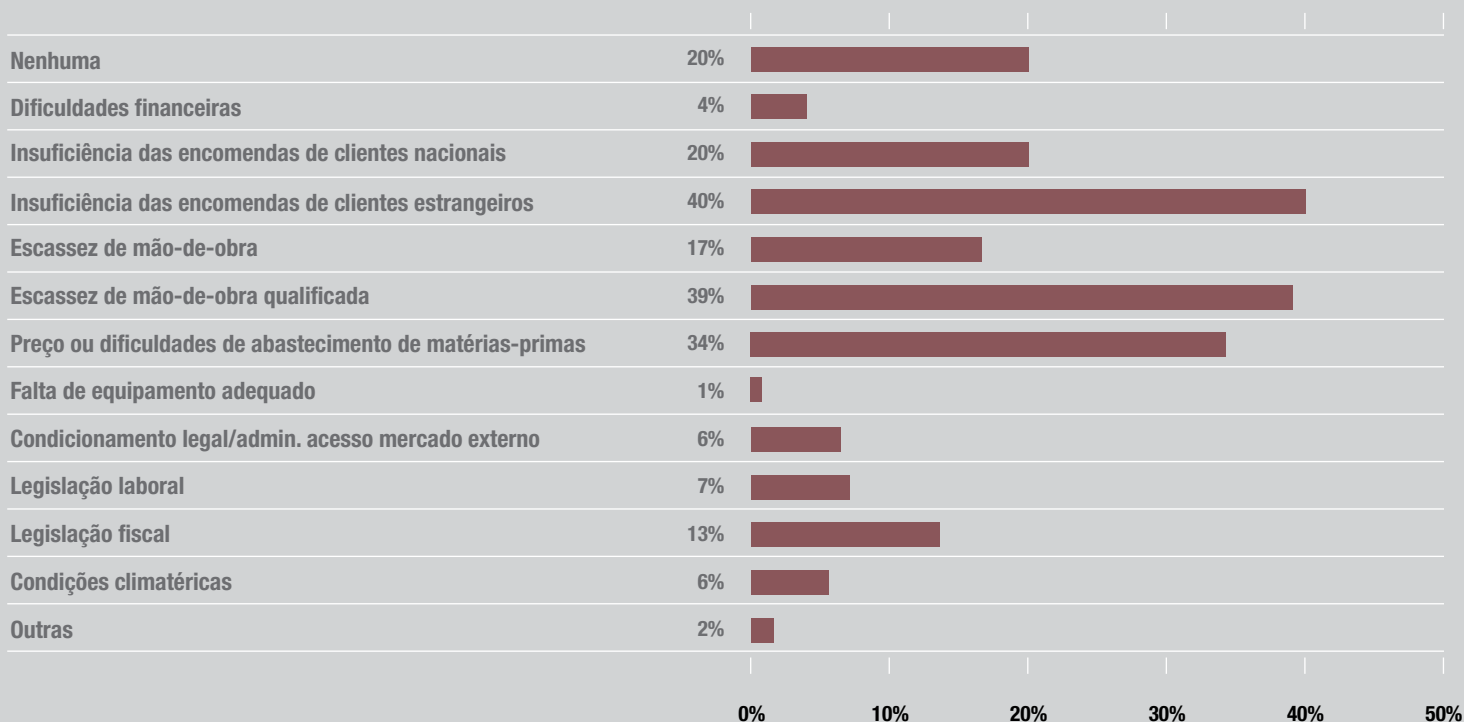
No que toca a limitações relacionadas com o mercado, a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, mesmo continuando a liderar a lista das dificuldades com 40% de respostas, diminuiu pelo terceiro trimestre consecutivo. O mesmo aconteceu com a insuficiência de encomendas nacionais que, de 23% no trimestre passado, passou a ser uma dificuldade para apenas 20% das empresas inquiridas neste trimestre.

Num período favorável para o setor, como tem sido o primeiro semestre de 2017, é de esperar que as maiores dificuldades sentidas estejam diretamente relacionadas com a produção. A mão-de-obra, fator produtivo essencial, tem sido uma das grandes preocupações dos empresários da indústria do calçado. A dificuldade em encontrar mão-de-obra qualificada cresceu 9 p.p. em relação ao trimestre passado e foi a segunda dificuldade mais mencionada (39%), tendo registado, por larga distância, o valor mais elevado desde que se faz este Boletim. Similarmente, a escassez

de mão-de-obra foi mencionada por mais inquiridos (17%) do que no trimestre anterior, tendo atingido o segundo valor mais elevado de sempre. Também as preocupações com o preço e a dificuldade de abastecimento de matérias-primas cresceram face ao primeiro trimestre do ano, sendo mencionadas por 34% das empresas.

As limitações com questões de foro legislativo e administrativo têm vindo, nos últimos trimestres, a ganhar alguma relevância. Em particular, a legislação fiscal foi referida por 13% dos inquiridos, o valor mais elevado de sempre. No que diz respeito à dimensão, foram as pequenas empresas e, no que toca à vocação exportadora, as orientadas para o mercado nacional as que mais a mencionaram. A legislação laboral foi apontada por 7% das empresas e os condicionamentos legais e administrativos de acesso ao mercado externo por 6% dos inquiridos, mais 2 p.p. do que no trimestre anterior.

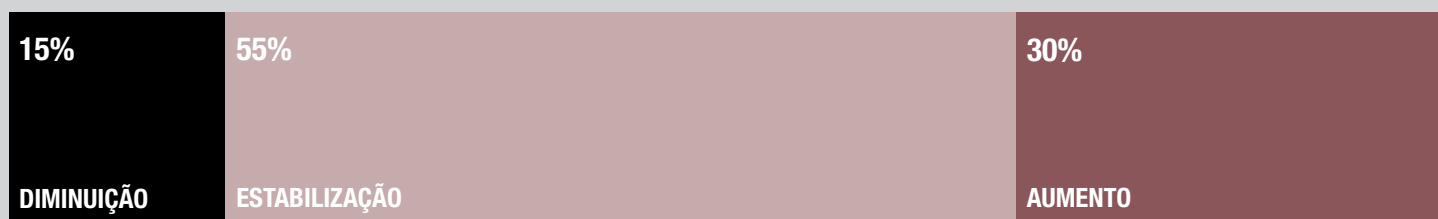
Sinal do momento favorável em que se encontra o setor é o facto da percentagem de empresas que respondeu não ter sentido qualquer dificuldade (20%) ter aumentado 5 p.p. face ao trimestre anterior. A juntar a isso, apenas 4% das empresas mencionaram ter sentido dificuldades financeiras. A falta de equipamento adequado foi sentida por um número muito reduzido de empresas (1%) e somente 6% fizeram referência às condições climáticas. Houve ainda 2% de empresas que mencionaram sentir outro tipo de dificuldades, que se prenderam com aspetos relacionados com a conjuntura internacional e com a concorrência dos preços.



Tendências da produção

Mais uma vez, o clima favorável da conjuntura nacional reflete-se nas perspectivas dos empresários para o próximo trimestre. Quase um terço (30%) dos inquiridos admite que espera ver a produção a aumentar, no 3º trimestre do ano, e apenas 15% pensa que irá diminuir, originando um s.r.e. de 15 p.p. As empresas com 250

trabalhadores ou mais são as menos otimistas e as únicas, no que toca à dimensão, que apresentam um s.r.e. negativo (-14%). Em contrapartida, em termos de orientação de mercado, as empresas fortemente exportadoras são as que apresentam as expectativas mais positivas (s.r.e. de 46 p.p.).

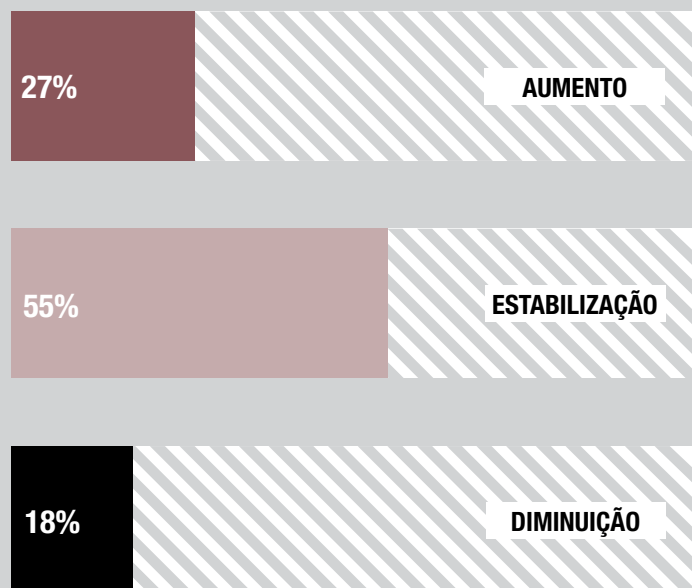


Perspectivas de encomendas

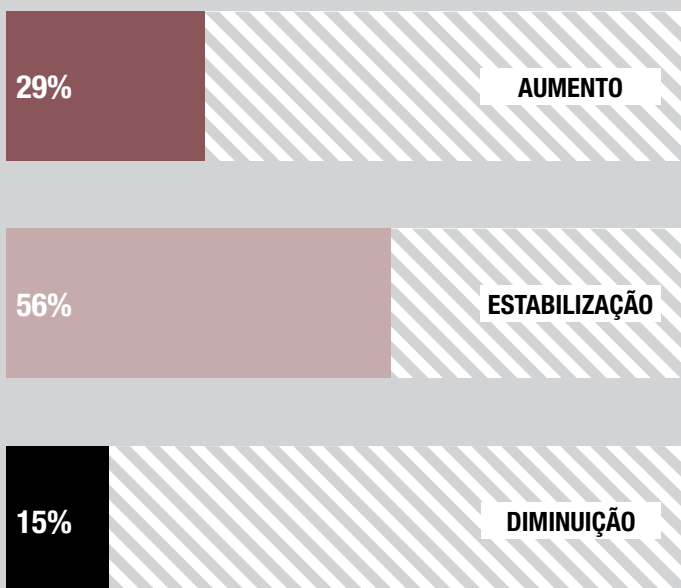
As expectativas da evolução das encomendas acompanham a tendência da produção e permanecem otimistas. Ainda assim, menos do que o eram no primeiro trimestre do ano: o s.r.e. da carteira global de encomendas passou de 38 p.p. para 11p.p., este trimestre, e o da carteira de encomendas do estrangeiro

de 34 p.p. para 14 p.p. As empresas de maior dimensão voltam a ser as menos otimistas: há mais empresas a esperarem que a carteira de encomendas, tanto global como do estrangeiro, venha a diminuir do que as que esperam que venha a aumentar.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

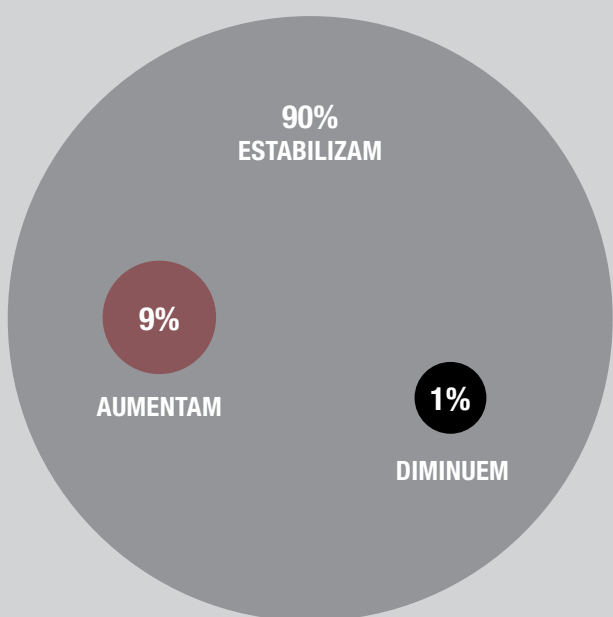


Perspetivas de preços de venda

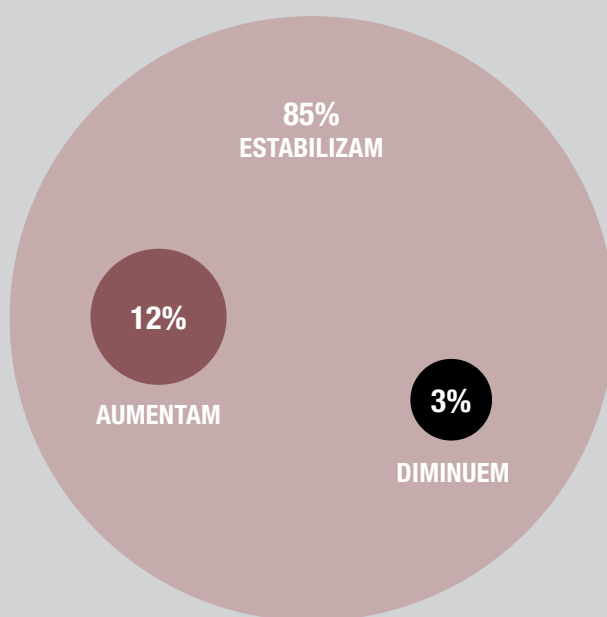
Ainda que, a grande maioria das empresas espere que os preços se mantenham estáveis no próximo trimestre, tanto em Portugal (90%) como no estrangeiro (85%), os s.r.e. mantiveram-se positivos, sugerindo uma tendência de aumento: registou-se um s.r.e. de 8 p.p. para o mercado português e 9 p.p. para o estrangeiro. Não houve nenhum

s.r.e. negativo quando analisada a amostra em termos de dimensão das empresas ou de orientação de mercado. Contudo, as empresas de maior dimensão foram unânimes a responder que esperam que os preços se mantenham estáveis quer no mercado interno quer no externo.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

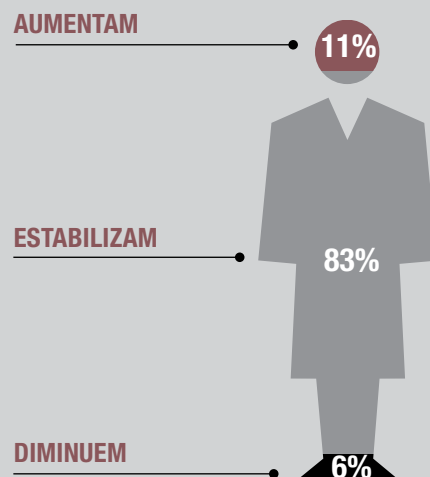


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



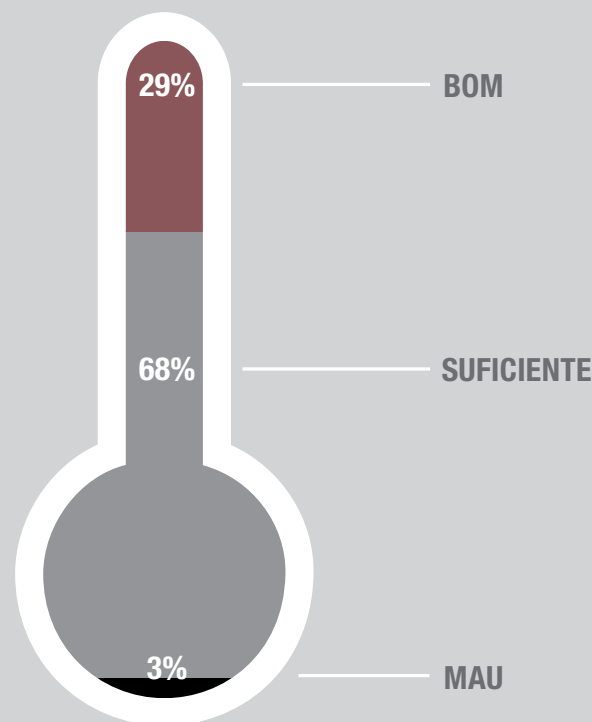
Perspetivas sobre o emprego

Pelo segundo trimestre consecutivo, há mais empresas a admitirem que poderão vir a contratar trabalhadores do que a admitir o oposto: 11% das empresas esperam um aumento do emprego e 6% uma diminuição, o que origina um s.r.e. de 5 p.p. No que toca à dimensão, as médias empresas são as únicas que contam dispensar mais do que contratar e apresentam, por isso um s.r.e. negativo (-2 p.p.). Já as empresas orientadas para o mercado nacional, no que toca à vocação exportadora, são as mais otimistas, com um s.r.e. de 14 p.p.



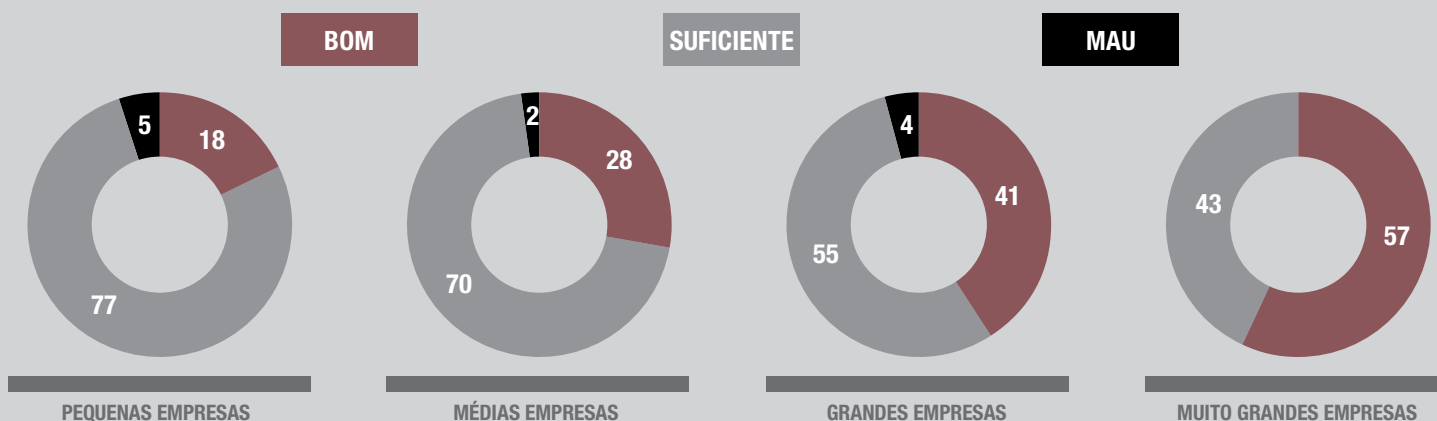
Perspetiva sobre o estado dos negócios

As perspetivas favoráveis para a indústria de calçado repercutem-se também na avaliação das expectativas do estado dos negócios para o terceiro trimestre do ano. Ainda que pouco mais de dois terços (68%) das empresas esperem que seja suficiente, 29% acredita que a situação continuará a melhorar e apenas 3% que virá piorar. O saldo de respostas extremas permaneceu, assim, em valores muito positivos (26 p.p.).



Apuramento dos resultados

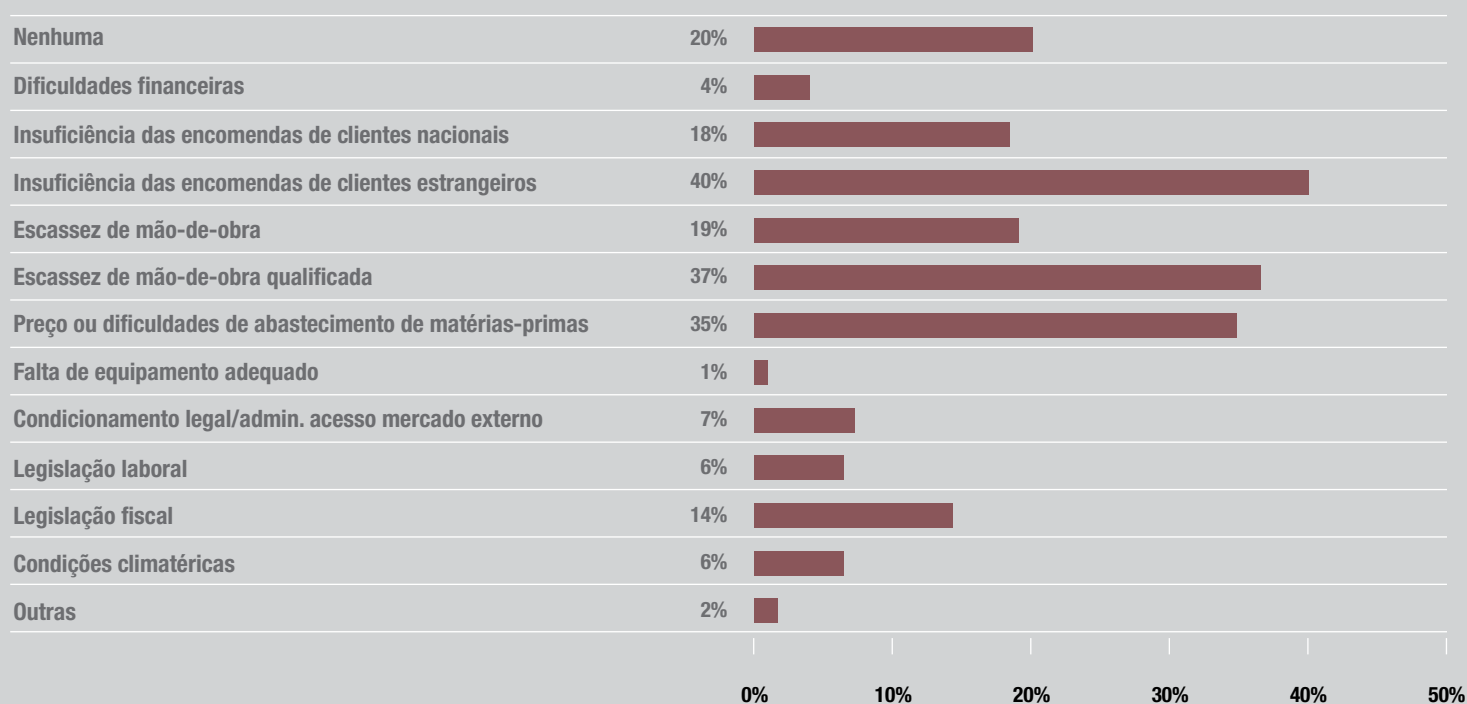
As perspetivas otimistas estendem-se a todas as categorias de empresa, quer em termos de dimensão quer em termos de vocação exportadora. No que respeita à dimensão, as expectativas favoráveis crescem com a dimensão da empresa e o s.r.e. varia entre os 14 p.p., das pequenas empresas, e os quase 60 p.p., das que empregam acima de 250 trabalhadores. O nível de abertura ao mercado externo também se mostra como um fator influenciador das expectativas dos inquiridos. Embora todas apresentem um s.r.e. positivo, as empresas totalmente orientadas para as exportações são as mais otimistas (s.r.e. de 36 p.p.)



Limitações previstas

Em linha com as dificuldades deste trimestre, as perspetivas das empresas apontam para que as dificuldades do próximo trimestre estejam, essencialmente, relacionadas com as questões afetas à produção.

PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



A insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros continuará a ser a principal preocupação, tendo sido mencionada por 41% dos inquiridos. A escassez de mão-de-obra qualificada (37%) e os preços ou as dificuldades de abastecimento de matérias-primas (35%), duas questões diretamente influenciadas pelo desempenho da produção, ocupam o segundo e terceiro lugar, respetivamente, da lista das limitações previstas. Na sequência das expectativas das empresas de que venham a ter mais necessidade de contratar do que dispensar trabalhadores, a escassez de mão-de-obra é antecipada como uma dificuldade por 19% das empresas, mais 2 p.p. do que este trimestre.

As expectativas apontam, ainda, para que as restantes dificuldades se mantenham, na sua maioria, como no trimestre em análise. A percentagem de empresas que admite vir a sentir dificuldades com a legislação fiscal (14%) é em 1 p.p. superior ao registado neste primeiro trimestre. Em contrapartida, são apenas 6% (menos 1 p.p. do que este trimestre) as que mencionam a legislação laboral. As dificuldades financeiras e as condições climatéricas não sofrem qualquer alteração, sendo esperadas por 4% e 6% das empresas, respetivamente. Uma em cada cinco empresas continua a admitir não vir a sentir qualquer limitação.

Notas de Conjuntura

A atividade da indústria portuguesa do calçado tem beneficiado da recuperação da conjuntura económica, a nível nacional e internacional. Para o futuro próximo, as instituições que se dedicam à análise macroeconómica apresentam previsões de um otimismo crescente, embora não deixem de alertar para riscos muito relevantes.

A melhoria da situação é muito evidente no mercado de trabalho: de acordo com o Instituto Nacional de Estatística, a taxa de desemprego em Portugal desceu, em maio, para 9,2%, o nível mais baixo dos últimos 8 anos. Não surpreende, por isso, que as empresas de calçado declarem sentir dificuldades no recrutamento de mão-de-obra.

Outros dados recentemente revelados pelo INE mostram que, em junho, o Índice de Produção Industrial subiu e que os indicadores de confiança dos consumidores e de clima económico continuaram a aumentar.

O Núcleo de Estudos sobre a Conjuntura da Economia Portuguesa da Universidade Católica Portuguesa apresentou, em julho, novas previsões:

“(…) o NECEP projeta um crescimento do PIB de 2.7% em 2017, uma revisão em alta de 0.3 pontos percentuais (pp) face à projeção de abril. (...) esta projeção resulta do efeito cumulativo de três fatores favoráveis: o crescimento mais forte da economia na zona euro, os efeitos desfasados da política orçamental do ano passado e, ainda, os sinais claros de recuperação cíclica da economia portuguesa. A confirmar-se a estimativa do NECEP, tratar-se-á do crescimento mais intenso desde o ano 2000, superando os 2.5% observados em 2007.

A melhoria das condições em 2017 permite, ainda, rever em +0.2 pp a projeção de crescimento do PIB em 2018 para 2.1%. (...) Efeito esse que se propaga para a projeção de 2019, com um ponto central de 1.9%, uma revisão em alta de 0.3 pp.

Estas projeções devem ser lidas num contexto de enorme incerteza interna e externa. (...) o sinal mais claro de normalização da política monetária, quer nos EUA, quer na zona euro, representa um risco acrescido para economias fortemente endividadas como é o caso da portuguesa.”

NECEP/CEA Católica Lisbon, Síntese da Folha Trimestral de Conjuntura nº49, 2º Trimestre de 2017

A European Forecasting Network, um consórcio de sete prestigiadas universidades, emitiu recentemente previsões bastante favoráveis quanto ao crescimento da economia europeia:

“A produção na área euro tem estado a expandir-se mais de 1,5% ao ano já há quase três anos (...); desde o verão de 2016, esta expansão ganhou até algum ritmo; no primeiro trimestre de 2017 atingiu uma taxa anual de 2,2%. (...) O principal determinante desta subida é o consumo privado, uma vez que o rendimento disponível real aumentou substancialmente. (...) A escassez de trabalho está claramente a tornar-se relevante nalgumas regiões e setores mas, globalmente, o crescimento dos salários não ultrapassou 1,3% nos últimos dois anos.

Tudo considerado, aumentamos a nossa previsão do PIB para 2017 de 1,7% (relatório da primavera) para 2,1% e para 2018 para 1,8% (primavera: 1,7%). (...) Um importante risco para a continuação da atual expansão em 2018 tem a ver com a normalização da política monetária: não é claro quanto é que as taxas de juro de longo prazo subirão nem se custos de financiamento mais elevados porão em causa a confiança dos mercados financeiros na solvência de alguns devedores públicos da área euro.”

European Forecasting Network, Economic Outlook for the Euro Area in 2017 and 2018, verão 2017

As previsões do Fundo Monetário Internacional para a economia mundial são também otimistas.

“A aceleração do crescimento global esperada no World Economic Outlook de abril permanece no bom caminho, prevendo-se que o produto global aumente 3,5% em 2017 e 3,6% em 2018. As previsões inalteradas de crescimento global mascaram contribuições algo diferentes ao nível dos países. (...) O crescimento foi revisto em alta para o Japão e especialmente a área euro, onde as surpresas positivas na atividade ocorridas no final de 2016 e início de 2017 apontam para uma sólida dinâmica. (...)”

A recuperação cíclica continua. Os crescimentos observados no primeiro trimestre de 2017 foram superiores às previsões do WEO de abril em grandes economias emergentes e em desenvolvimento, como o Brasil, a China e o México, e em diversas economias avançadas, incluindo o Canadá, a França, a Alemanha, a Itália e a Espanha.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, julho 2017

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE